

Vencedor do Prémio Pulitzer

*Viet Thanh Nguyen*

ELSINORE



Do autor de *O Simpatizante*

# REFUGIADOS

«Um livro notável... Nguyen é um contador de histórias extraordinário.»  
*Chicago Tribune*

# ÍNDICE

**13**  
Mulheres de olhos negros  
–

**35**  
O outro homem  
–

**59**  
Anos de guerra  
–

**85**  
O transplante  
–

**109**  
*I'd Love You to Want Me*  
–

**135**  
Os americanos  
–

**159**  
Alguém diferente de ti  
–

**189**  
Pátria  
–

**215**  
Agradecimentos  
–

*Para todos os refugiados, em toda a parte.*

*Escrevi este livro para os fantasmas, que, por estarem fora do tempo,  
são os únicos que têm tempo.*

ROBERTO BOLAÑO, *Amberes*

*Não são as tuas memórias que te perseguem.  
Não é o que registaste por escrito.  
É o que esqueceste, o que tens de esquecer.  
O que deves continuar a esquecer ao longo da vida.*

JAMES FENTON, *Um Requiem Alemão*

## MULHERES DE OLHOS NEGROS

A fama abatia-se subitamente sobre as pessoas, geralmente vinda de situações indesejáveis para uma mente sã, tais como ser raptado e mantido em cativeiro durante anos, sofrer as humilhações de um escândalo sexual ou sobreviver a uma experiência tipicamente fatal. Estes sobreviventes precisavam de alguém que os ajudasse a escrever as respetivas memórias, e os seus agentes acabavam por tropeçar em mim.

– Pelo menos, o teu nome não aparece em lado nenhum – disse-me, certa vez, a minha mãe.

Quando lhe confessei que não me importaria de ver o meu nome nos agradecimentos, ela respondeu:

– Deixa-me contar-te uma história.

Foi a primeira vez que ouvi aquela história, mas não a última.

– Houve um repórter no nosso país – prosseguiu ela – que acusou o governo de torturar as pessoas na prisão. E, por causa disso, o governo fez-lhe exatamente aquilo que ele afirmava ser feito pelo governo aos outros. Mandaram-no para a prisão e nunca mais ninguém o viu. É o que acontece aos escritores que põem o nome nas coisas.

Quando Victor Devoto me escolheu, eu já me tinha resignado à ideia de ser uma daquelas escritoras cujos nomes não aparecem na capa dos livros. O seu agente tinha-lhe dado um livro em que eu trabalhara como escritora-fantasma e cujo

pretensão autor era pai de um rapaz que tinha matado a tiro várias pessoas na escola.

— Identifico-me com o sentimento de culpa do pai — disse-me Victor, único sobrevivente de um desastre aéreo, no qual setenta e três pessoas tinham morrido, incluindo a sua mulher e filhos.

O que sobrara de Victor tinha aparecido em todos os programas televisivos: um corpo presente, mas não muito mais. Possuía uma suave voz monocórdica, e os olhos, nas raras ocasiões em que os erguia, pareciam carregar em si silhuetas de pessoas pesarosas. O seu editor disse que era urgente que ele terminasse de escrever a sua história enquanto o público ainda se lembrava dela, e era com isso que eu estava preocupada no dia em que o meu falecido irmão veio visitar-me.

A minha mãe acordou-me ainda antes de amanhecer e disse:

— Não tenhas medo.

Pela porta do quarto aberta, a luz do corredor feria-me os olhos.

— Porque é que haveria de ter medo?

Quando a minha mãe proferiu o nome do meu irmão, não pensei nele. O meu irmão tinha morrido há muito tempo. Fechei os olhos e disse que não conhecia ninguém com esse nome, mas ela insistiu.

— Está aqui para nos ver — disse ela, puxando os cobertores para trás e abanando-me até eu me levantar, com os olhos semicerrados.

A minha mãe tinha 63 anos, era um pouco esquecida e, quando me conduziu até à cozinha e chamou pelo meu irmão, não fiquei surpreendida.

— Estava mesmo aqui — lamentou ela, ajoelhando-se junto do cadeirão com motivos florais e sentindo a carpete. — Está molhada.

Gatinhou até à porta da frente no seu pijama de algodão, seguindo o rasto da água. Quando toquei na carpete, percebi que

estava húmida. Por um momento, estremei, como que acreditando na aparição, e o silêncio da casa às quatro da manhã pareceu-me sinistro. Depois, reparei no som da água da chuva nas sarjetas e o medo que se tinha acercado de mim afrouxou um pouco. O mais certo era a minha mãe ter aberto a porta, ficado encharcada e entrado de novo em casa. Ajoelhei-me junto a ela, que se agachava ao pé da porta com a mão na maçaneta, e disse-lhe:

– Estás a imaginar coisas.

– Sei bem o que vi.

Sacudiu-me a mão do ombro e levantou-se. Os seus olhos negros estavam iluminados pela irritação.

– Ele entrou em casa e falou. E queria ver-te.

– Então, onde é que ele está, mãe? Não vejo ninguém.

– É claro que não vês — suspirou ela, como se eu fosse incapaz de perceber o óbvio. — É um fantasma, não é?

Desde a morte do meu pai uns anos antes, eu e a minha mãe vivíamos juntas sem desentendimentos. Partilhávamos uma paixão pelas palavras, embora eu preferisse o silêncio da escrita e ela adorasse falar. Inundava-me constantemente com coscuvilhices e histórias, mas as únicas que eu apreciava eram as relacionadas com o meu pai, sobre a altura em que era um homem que não cheguei a conhecer, jovem e feliz. Depois, vinham as histórias de terror, como aquela do repórter, cuja moral era a de que a vida, tal como a polícia, gostava de bater nas pessoas de vez em quando. Por fim, contava as suas favoritas, as histórias de fantasmas, das quais conhecia muitas, algumas delas vividas na primeira pessoa.

– A tia Six morreu de um ataque cardíaco aos 76 anos — contou-me ela uma, duas ou, talvez, três vezes, já que tinha por hábito a repetição. Nunca levei aquelas histórias a sério. — Vivia em Vung Tau e nós em Nha Trang. Eu estava a levar o jantar para a mesa quando dei de caras com ela aí sentada em camisa de dormir.

O cabelo da tia Six, que ela costumava usar preso num carrapito discreto, estava solto e caía-lhe sobre os ombros e sobre a cara. Quase deixei cair os pratos. Quando lhe perguntei o que estava ali a fazer, ela sorriu. Levantou-se, beijou-me e virou-me na direção da cozinha. Quando me virei de novo para a ver, ela tinha desaparecido. Era o fantasma dela. O tio confirmou-me isso quando lhe liguei. A tia Six tinha morrido nessa manhã, na sua própria cama.

De acordo com a minha mãe, a morte da tia Six, em casa e com a família, tinha sido boa, e o seu fantasma tinha apenas querido fazer uma ronda de despedidas. A minha mãe repetiu a história da tia conosco sentadas à mesa da cozinha, na manhã em que ela alegara ter visto o meu irmão — o seu filho. Eu tinha-lhe preparado um bule de chá verde e, apesar dos protestos, medido a febre, cujo resultado, como ela própria previu, foi a temperatura normal. Agitando o termómetro, a minha mãe disse que o mais provável era ele ter desaparecido por estar cansado. Afinal de contas, tinha acabado de fazer uma viagem de milhares de quilómetros, desde o outro lado do oceano Pacífico.

— E como é que chegou aqui?

— A nado.

Dirigiu-me um olhar piedoso.

— Era por isso que vinha molhado.

— Ele sempre foi um nadador excelente — disse eu, reconfortando-a. — Como é que ele te pareceu em termos físicos?

— Exatamente na mesma.

— Passaram-se vinte e cinco anos. Não mudou nada?

— Eles ficam sempre iguais à última vez em que foram vistos.

Lembro-me do aspeto dele na última vez em que o vi e, por isso, qualquer tipo de boa disposição que me pudesse restar desapareceu. A expressão aturdida, os olhos abertos, sem pestanejarem, nem mesmo com a tábua lascada do convés pressionada



contra a face — não queria vê-lo de novo, assumindo que haveria algo ou alguém para ver. Depois de a minha mãe ter saído para o seu turno no salão de beleza, tentei voltar a dormir, mas não consegui. Sempre que fechava os olhos, os dele fitavam-me. E só agora me apercebia de que não pensava nele há meses. Durante muito tempo, esforçara-me para o esquecer, mas bastava contornar uma esquina do mundo ou da minha mente para o encontrar, o meu melhor amigo. Lembro-me, desde sempre, de o ouvir do lado de fora da nossa casa a chamar-me. Era o sinal para o seguir ao longo dos caminhos e atalhos da nossa aldeia, através das jaqueiras e dos mangues até aos diques e aos campos, contornando palmeiras desfeitas e crateras de bombas. Naquela altura, uma infância assim era considerada normal.

Ao olhar para trás, porém, vejo que passámos a nossa juventude num país assombrado. O nosso pai tinha sido recrutado e nós temíamos que ele nunca mais voltasse. Antes de partir, tinha escavado um abrigo contra bombas ao lado da nossa casa, uma casamata feita com sacos de areia cujo teto era suportado por vigas de madeira. Embora não tivesse ventilação e fosse quente e húmida, repassada pelo odor da terra, percorrida pela azáfama das minhocas, costumávamos ir brincar para lá quando éramos crianças. Mais tarde, começámos a ir para o abrigo para estudar e contar histórias. Eu era a melhor aluna da minha escola, boa o suficiente para o meu professor me ensinar inglês depois das aulas, lições que eu partilhava nesses momentos com o meu irmão. Ele, por sua vez, contava-me histórias fantásticas, contos populares e boatos. Quando os aviões uivavam no céu e nós nos refugiávamos com a nossa mãe no abrigo, ele contava-me histórias de fantasmas ao ouvido para me distrair. Mas insistia no facto de não serem histórias de fantasmas. Pelo contrário, eram relatos históricos transmitidos por fontes fidedignas, as anciãs que mascavam noz-de-bétele e cuspiam o seu suco avermelhado

enquanto, de cócoras no mercado, tomavam conta de fogões a carvão ou vigiavam cestos com compras. Segundo elas, dos residentes confirmados na nossa terra constavam: a parte superior de um tenente coreano, lançado por uma mina para os ramos de uma árvore-da-borracha; um norte-americano negro, sem escalpe, a boiar num riacho não muito distante de onde o seu helicóptero se tinha despenhado; um soldado japonês decapitado que, às apalpadelas por entre os arbustos de mandioca, procurava a sua própria cabeça. Estes invasores tinham vindo conquistar a nossa terra e, agora, nunca mais regressariam a casa, conforme garantiam as anciãs entre casquinadas que revelavam dentes lacados, ou assim me contava o meu irmão. No escuro, eu estremeia de prazer ao ouvir com os meus próprios ouvidos aquelas mulheres de olhos negros, e ficava com a sensação de que nunca seria capaz contar histórias como aquelas.

Não era um pouco irónico, portanto, ganhar a vida como escritora-fantasma? Fiz esta pergunta a mim mesma, deitada na cama a meio do dia, mas as mulheres de olhos e dentes negros ouviram-me.

— Chamas a isto vida?

Os dentes delas rangeram quando se riram de mim. Puxei os cobertores até ao nariz, tal como costumava fazer nos meus primeiros anos nos Estados Unidos, quando algumas criaturas apareciam no corredor e passeavam lá fora. Quando nos batiam à porta, os meus pais espreitavam sempre pelas cortinas da sala antes de abrirem, com receio dos nossos jovens compatriotas, rapazes que tinham aprendido muito sobre violência ao crescerem num período de guerra.

— Nunca abras a porta a alguém que não conheças — avisou-me a minha mãe uma vez, duas, três. — Não queremos acabar como aquela família, amarrada e de armas apontadas. Queimaram

o bebê com cigarros até a mãe lhes mostrar onde tinha escondido o dinheiro.

A minha adolescência americana foi preenchida com relatos angustiantes deste tipo, cada um deles prova daquilo que a minha mãe defendia, ou seja, a ideia de que não pertencíamos aqui. Num país em que as posses valiam tudo, os nossos únicos pertences eram as nossas histórias.

Quando acordei com uma batida na porta, já estava escuro lá fora. O meu relógio marcava 18h35. Ouvi de novo a batida, suave, hesitante. Mesmo não querendo, sabia quem era. Por via das dúvidas, tinha trancado a porta do quarto e, agora, tapava a cabeça com os cobertores, sentindo o meu coração bater cada vez mais depressa. Esperei que ele se fosse embora, mas, quando começou a tentar rodar a maçaneta da porta, percebi que não havia nada a fazer senão levantar-me. Todos os pelos do meu corpo ficaram eriçados, ao observar atentamente o movimento da maçaneta sob a pressão do aperto. Forcei-me a lembrar que ele tinha sacrificado a vida por mim. O mínimo que podia fazer era abrir-lhe a porta.

Ele estava inchado e pálido, com o cabelo emplumado e a pele escurecida. Vestia calções pretos e uma *t-shirt* cinzenta esfarapada, expondo braços e pernas muito magros. Na última vez que o vi, era mais alto do que eu por cerca de uma cabeça; agora, as proporções eram as inversas. Quando pronunciou o meu nome, a voz saiu-lhe rouca e áspera, muito diferente da modulação aguda que tivera na adolescência. Os olhos, contudo, permaneciam iguais, curiosos, tal como os lábios, ligeiramente abertos, sempre preparados para falar. Um hematoma roxo, raiado de negro, brilhava na sua têmpora esquerda, mas o sangue de que me lembrava já lá não estava, talvez lavado pela água salgada e pelas tempestades. Embora não estivesse a chover, vinha encharcado. Consegui sentir o cheiro a maresia que emanava e, pior do que isso, o cheiro do barco, azedo de suor e detritos humanos.

Tremi quando ele pronunciou o meu nome, embora estivesse perante o fantasma de alguém que amava e jamais magoaria, o tipo de fantasma que, segundo a minha mãe, não me faria mal.

— Entra — disse eu, julgando ser esta a intenção mais corajosa que poderia transmitir.

Sem se mexer, olhou para a carpete, sobre a qual deixava pingar a água do corpo. Quando lhe trouxe uma *t-shirt* e uns calções lavados, juntamente com uma toalha, olhou para mim, expectante, até eu me virar e o deixar trocar de roupa. Tinha trazido as peças mais pequenas que tinha, mas, ainda assim, eram um número acima do dele. Os calções ficavam-lhe pelos joelhos e a *t-shirt* era demasiado larga. Fiz-lhe sinal para entrar e, desta vez, obedeceu, sentando-se na minha cama amarrotada. Não me olhou de frente, parecendo estar com mais medo de mim do que eu dele. Continuava a ter 15 anos, enquanto eu tinha 38, já não a maria-rapaz exuberante, mas, agora, pouco dada a grandes conversas que não tivessem um objetivo específico, como fora o caso na entrevista a Victor. Ser uma escritora, ainda que muito pouco conceituada, envolvia uma certa etiqueta com a qual conseguia lidar. Mas o que é que se podia dizer a um fantasma, para além de lhe perguntar o motivo que o trazia por cá? Como temia a resposta, perguntei-lhe, ao invés:

— Porque demoraste tanto tempo?

Olhou para os meus pés descalços, para as unhas por pintar. Talvez tivesse pressentido que eu não era boa com crianças. A maternidade era demasiado íntima para mim, tal como o eram as relações que duravam mais de uma noite.

— Tiveste de nadar. Demora muito tempo vir de tão longe, não demora?

— Sim.

Permaneceu com a boca aberta, como se quisesse continuar a falar, mas não soubesse o que dizer ou como o expressar. Talvez esta

aparição fosse a primeira consequência daquilo que a minha mãe considerava ser a minha natureza pouco natural, solteira e sem filhos. Talvez ele não fosse produto da minha imaginação, mas, antes, um sintoma de algo errado, como o cancro que tinha matado o meu pai. A sua morte, segundo a minha mãe, também tinha sido boa, em casa, rodeado pela família, nada parecida com o que tinha acontecido com o meu irmão e quase comigo. O pânico começou a surgir daquele poço sem fundo que selei com betão bem dentro de mim, e fiquei aliviada com o som da porta da frente a abrir-se.

— A mãe vai querer ver-te — disse eu. — Espera aqui. Venho já.

Quando regressámos, encontrámos apenas a toalha e as peças de roupa molhadas. A minha mãe pegou na *t-shirt* cinzenta, a mesma que ele usava no barco azul com os olhos vermelhos.

— Agora, já sabes. Nunca se viram as costas a um fantasma.

Os calções escuros e a *t-shirt* cinzenta tresandavam a salmoura e o peso não era apenas o da água. Quando levei as peças de roupa para a cozinha, o seu peso nas minhas mãos era o peso de uma prova. Tinha-o visto usar estas peças em dezenas de ocasiões. Lembrava-me delas de quando os calções ainda não eram negros de sujidade, mas de um azul imaculado, e a *t-shirt* não era cinzenta e esfarrapada, mas branca e perfeita.

— E agora, já acreditas? — perguntou a minha mãe, abrindo a porta da máquina de lavar roupa.

Hesitei. Algumas pessoas afirmam que a fé as queima por dentro, mas esta minha fé, recentemente descoberta, deixava-me gelada.

— Sim — respondi —, acredito.

A máquina de lavar zumbia em segundo plano quando nos sentámos para jantar na cozinha, e um cheiro a anis-estrelado e a gengibre vogava pelo ar.

— Foi por isso que demorou tantos anos — disse a minha mãe, enquanto soprava para a tigela de sopa quente.

Nada lhe tirava o apetite ou afetava o estômago forrado a ferro, nem mesmo os acontecimentos no barco ou a aparição do seu filho.

— Nadou aquela distância toda.

— A tia Six vivia a centenas de quilômetros e tu viste-a no mesmo dia.

— Os fantasmas não vivem segundo as nossas regras. Cada fantasma é um caso diferente. Há fantasmas bons e fantasmas maus, fantasmas felizes e tristes. Fantasmas de pessoas que morreram quando eram velhas, quando eram jovens e quando eram crianças. Julgas que os fantasmas bebés se comportam da mesma maneira que os fantasmas avós?

Não era um tema que eu dominasse. Até então, não acreditava em fantasmas e não conhecia ninguém que acreditasse, excetuando a minha mãe e Victor, ele próprio uma espécie de espectro, pálido e quase translúcido com o calor da mágoa, sendo esta a única tonalidade visível por entre uma abundância de cabelos ruivos despenteados. Mas, mesmo com Victor, só tinha falado do sobrenatural por duas vezes, uma delas ao telefone e a outra na sua sala de estar. Tudo se mantinha intocado desde o dia em que a família saíra para o aeroporto, até mesmo o pó acumulado, carregado de amargura. Tinha a impressão de que as janelas não tinham sido abertas desde esse dia, como se ele quisesse preservar o ar respirado pela mulher e pelos filhos antes de terem sofrido as suas más mortes, tão longe de casa.

— Os mortos seguem em frente — dissera-me ele, recolhido na sua poltrona, com as mãos entre as coxas —, mas nós, nós limitamo-nos a ficar aqui.

Estas palavras abrem o último capítulo do livro de Victor, aquele em que trabalhei depois de a minha mãe se ter ido deitar

e de eu ter descido para a cave iluminada por tubos fluorescentes. Escrevi uma frase e parei para ver se conseguia notar o som de pancadas na porta ou de passos na escada. O meu ritmo para essa noite foi assim estabelecido: algumas linhas de escrita, seguidas pela breve espera por algo que não chegava. No dia seguinte, voltei ao mesmo. O final das memórias de Victor já estava à vista quando a minha mãe voltou do salão de beleza com alguns sacos de compras feitas em Chinatown, um deles cheio de produtos alimentares e o outro com roupa interior, um pijama, um blusão e umas calças de ganga azuis, um par de meias, outro de luvas de malha, e um boné de basebol. Depois de empilhar toda esta roupa junto aos calções e à *t-shirt* engomados, a minha mãe disse:

— Não o podemos deixar andar ao frio com as roupas que lhe deste, como se fosse um sem-abrigo ou um imigrante ilegal.

Quando lhe respondi que não tinha pensado no assunto daquela maneira, ela suspirou, desagrada com a minha ignorância face às necessidades dos fantasmas. E só voltou a ser mais afável depois de jantar. Ficou mais bem-humorada porque, em vez de me retirar para a cave, como era meu costume, me deixei ficar a ver uma das telenovelas que ela alugava às dúzias, uma de muitas com belos elencos coreanos lançados em desventuras amorosas.

— Se não tivéssemos passado pela guerra — disse ela nessa noite, fazendo-me sentir mais próxima da sua mágoa —, agora éramos como os coreanos. Saigão era Seul, o teu pai estava vivo, tu estavas casada e tinhas filhos, e eu era uma dona de casa reformada, em vez de manicura.

A minha mãe tinha o cabelo cheio de rolos e apoiava uma tigela com sementes de melancia no colo.

— Ia passar os meus dias a visitar e a ser visitada por amigos e, quando morresse, vinha uma centena de pessoas ao meu funeral. Contigo a tratar das coisas, vai ser uma sorte se vierem vinte. E isso assusta-me mais do que tudo o resto. Não te consegues

lembrar de despejar o lixo ou de pagar as contas. Nem sequer saís para comprar comida.

— Não me vou esquecer de tomar conta da tua alma.

— O velório era quando? Quando é que celebravas o aniversário da minha morte? O que dirias?

— Escreve-o por mim — respondi eu. — Aquilo que devo dizer.

— O teu irmão ia saber o que fazer — disse ela. — É para isso que servem os filhos.

Perante este comentário, fiquei em silêncio.

Como, às onze da noite, o meu irmão ainda não tinha aparecido, a minha mãe foi dormir. Desci à cave e tentei escrever um pouco. Escrever era entrar no nevoeiro, tatear o meu percurso por um caminho que ligava este mundo ao mundo sobrenatural das palavras, um caminho mais fácil de encontrar em alguns dias do que noutros. À medida que ia tropeçando por entre o nevoeiro, a questão insistente que se empoleirava sobre o meu ombro perguntava-me como era possível eu ter sobrevivido e o meu irmão morrido. Eu era mais nova e menos forte, mas, ainda assim, tinha sido ele o sepultado, afundado no oceano sem uma mortalha ou uma palavra minha. Vieram-me à memória o pranto da minha mãe e o choro compulsivo do meu pai, mas nenhum deles abafou o meu próprio silêncio. Agora era o momento de dizer algumas palavras, de chamá-lo de volta, tal como devia ser o seu desejo, mas não as conseguia encontrar. Estava prestes a concluir que se passaria mais uma noite sem ele regressar quando ouvi um ruído vindo do topo das escadas. *Acredito*, pensei para comigo, *acredito que ele nunca me fará mal*.

— Não é preciso bateres — disse eu ao abrir a porta. — A casa também é tua.

Limitou-se a fitar-me e caímos os dois num silêncio incómodo. Depois, disse-me:



– Obrigado.

Desta vez, a voz do meu irmão era mais forte, quase tão aguda quanto me lembrava, e, ao agradecer-me, não desviou os olhos dos meus. Ainda usava a minha *t-shirt* e os meus calções, mas, quando lhe mostrei as roupas que a minha mãe tinha comprado, ele disse:

– Não preciso delas.

– Estás a vestir as que eu te dei.

O silêncio dele durou tanto tempo que julguei que não me tinha ouvido.

– Usamo-las para os vivos – disse ele por fim. – Não por necessidade.

Conduzi-o até ao sofá.

– Estás a referir-te aos fantasmas?

Sentou-se ao meu lado, refletindo sobre a minha pergunta antes de responder.

– Soubemos sempre que os fantasmas existiam – disse ele.

– Eu tinha algumas dúvidas.

Peguei-lhe na mão.

– Porque é que regressaste?

Os olhos dele inquietavam-me. Não tinham piscado uma única vez.

– Não regressei – disse ele. – Vim apenas aqui.

– Ainda não deixaste este mundo?

Ele acenou que não com a cabeça.

– Porquê? – perguntei.

Voltou a refugiar-se no silêncio. De seguida, disse:

– Porque é que achas?

Desviei o olhar.

– Tentei esquecer.

– Mas não conseguiste.

– Não consigo.

Não me tinha esquecido do nosso barco azul sem nome e ele não se tinha esquecido de mim: aqueles olhos vermelhos pintados de cada lado da proa nunca pararam de me perscrutar. Depois de quatro dias sem contrariedades num mar calmo, sob céus azuis e noites claras, tínhamos começado a distinguir o contorno escuro de algumas ilhas no horizonte distante. Foi então que outro barco apareceu ao longe, vindo na nossa direção. Navegava rapidamente, enquanto nós mantínhamos um ritmo lento, viajando com mais de cem pessoas apinhadas num barco de pesca construído para acolher apenas a tripulação e uma carga de cavala. O meu irmão levou-me para a minúscula casa das máquinas, preenchida por um motor asmático, e usou o canivete para me cortar o cabelo comprido, deixando-me com o corte irregular e masculino que mantive durante muito tempo.

– Não fales – disse ele.

O meu irmão tinha 15 anos e eu tinha 13.

– Ainda falas como uma rapariga. Agora, despe a camisa.

Obedecia-lhe sempre, neste caso, algo timidamente, muito embora ele mal tivesse olhado para mim quando rasgou a minha camisa em tiras. Disfarçou os meus seios ligeiramente perceptíveis, comprimindo-os com as tiras de tecido, e, depois, tirou a sua própria camisa e vestiu-ma, ficando ele apenas com a *t-shirt* esfarrapada. Espalhou-me óleo do motor pela cara e, logo a seguir, juntámo-nos ao magote de gente no escuro, esperando a chegada dos piratas. Estes pescadores eram parecidos com os nossos pais e irmãos, robustos e morenos, embora empunhassem catanas e metralhadoras. Entregámos o nosso ouro – relógios, brincos, alianças – e o nosso jade. De seguida, capturaram as mulheres jovens e adolescentes, uma dúzia delas, abatendo um pai e um marido que tinham protestado. Ficou toda a gente em silêncio, à exceção das mulheres que, ao serem arrastadas, gritavam e choravam. Não conhecia nenhuma delas, eram raparigas de

outras aldeias, e este facto ajudou-me a rezar, agarrada ao braço do meu irmão, para que não fosse levada com elas. Só consegui voltar a respirar quando a última das raparigas foi atirada para o convés do barco dos piratas e estes regressaram à sua embarcação.

O último homem a partir olhou-me de relance ao passar por mim. Era da idade do meu pai, tinha um nariz que fazia lembrar um pé de porco queimado pelo sol e cheirava a uma mistura de suor e vísceras de peixe. Este homem, de baixa estatura, que falava um pouco da nossa língua, aproximou-se e levantou-me o queixo.

– És um rapaz bonito – disse ele.

Depois de o meu irmão o ter golpeado com o canivete, ficámos os três espedados de espanto, de olhos fixados na lâmina com a ponta ensanguentada, num momento de silêncio unicamente quebrado quando o pequeno homem gemeu de dor, empunhou a metralhadora e, com a coronha, atingiu violentamente o meu irmão na cabeça. O crânio do meu irmão a estalar – ainda hoje o consigo ouvir. O meu irmão caiu com a força de um peso morto, sangue a escorrer-lhe pela testa, maxilar e têmpora contra o convés de madeira com um baque terrível que ainda ressoa na minha memória.

Toquei-lhe na ferida.

– Dói-te?

– Já não. Ainda te dói a ti?

Uma vez mais, fingi pensar sobre uma questão para a qual já conhecia a resposta.

– Sim – disse por fim.

Quando o homem pequeno me atirou ao chão, a queda feriu-me a parte de trás da cabeça. Quando me rasgou a camisa, feriu-me com as suas unhas afiadas. Quando virei a cara para o outro lado e vi os meus pais a gritar, os meus ouvidos pareceram explodir, pois não consegui ouvir nada. Os meus próprios gritos se tornaram inaudíveis, embora sentisse a minha boca

a abrir e a fechar. O mundo estava amordaçado e assim ficaria para sempre, sem que a minha mãe, o meu pai ou eu emitíssemos qualquer tipo de som em relação ao assunto. O nosso silêncio ferir-me-ia vezes sem conta. Contudo, aquilo que mais me tinha magoado não era nenhuma destas coisas, nem mesmo o peso dos homens em cima de mim. Tinha sido a luz refletida nos meus olhos negros ao levantar a cabeça e ver a abrasadora ponta do cigarro de Deus, suspensa nos céus, momentos antes de ser pressionada contra a minha pele.

Evito, desde essa altura, o dia e o sol. Até o meu irmão reparou nisso, colocando o braço ao lado do meu para me mostrar que estava mais branca do que ele. Tínhamos feito o mesmo na casamata, esticando as mãos à frente das nossas caras para percebermos se eram visíveis no escuro. Queríamos saber se ainda lá estávamos todos, cobertos pelo pó que caía a cada impacto, a tremer com a memória dos estridentes aviões a jato norte-americanos. Na primeira vez que os tínhamos ouvido, ele murmurara-me ao ouvido para não me preocupar, pois eram apenas *Phantoms*.<sup>1</sup>

— Sabes do que é que eu mais gostava naqueles tempos?

O meu irmão acenou negativamente com a cabeça. Estávamos sentados no sofá do meu escritório na cave, mais quente do que a sala de estar em novembro.

— Saíamos à rua depois dos bombardeamentos, pegavas-me na mão e ficávamos parados a pestanejar ao sol. Aquilo que eu adorava era sentir que, depois da escuridão do refúgio, vinha a luz. E, depois de todos aqueles estrondos, o silêncio.

Ele concordou, sem piscar os olhos, enrolado no sofá como eu, os nossos joelhos encostados. O papagaio aninhou-se no ombro

---

<sup>1</sup> Referência ao caça-bombardeiro norte-americano *F-4 Phantom*. Em inglês, *phantom* significa «fantasma». [N. do T.]

em que estava empoleirado desde que o meu irmão se afundara no mar, e ocorreu-me que a única maneira de me livrar dele seria deixá-lo falar.

– Explica-me uma coisa – disse o papagaio por mim –, porque é que eu sobrevivi e tu morreste?

O meu irmão fitou-me com uns olhos que, por mais tempo que permanecessem abertos, nunca secariam. A minha mãe estava errada. Ele tinha mudado e a prova disso eram aqueles olhos, preservados em salmoura durante tanto tempo que ficariam abertos para sempre.

– Tu também morreste – disse ele. – Simplesmente, não o sabes.

Lembrei-me de uma conversa com Víctor. Certa noite, por volta das onze horas, surgiu-me uma dúvida cujo esclarecimento me parecia tão urgente que lhe telefonei, sabendo que ele ainda estaria acordado.

– Sim, acredito em fantasmas – disse ele, não se mostrando surpreendido por eu lhe ter ligado.

Conseguia imaginá-lo, encolhido na sua poltrona, a cabeça em chamas num corpo em forma de vela de cera, como se tivesse sido acendido pela memória do desastre aéreo que lhe tinha levado a família. Quando lhe perguntei se já tinha visto algum fantasma, ele disse:

– A toda a hora. Quando fecho os olhos, a minha mulher e os meus filhos aparecem-me tal como eram em vida. Com os olhos abertos, consigo vê-los no meu campo de visão periférica. Movem-se muito depressa e desaparecem antes de os conseguir focar. Mas também os cheiros, o perfume da minha mulher ao passar junto a mim, o aroma do champô no cabelo da minha filha, o odor da transpiração na camisola do meu filho. E consigo senti-los, o meu filho a afagar-me a mão, a minha mulher a respirar junto ao meu pescoço como costumava fazer na cama,

a minha filha a pendurar-se nos meus joelhos. E, além de tudo isto, conseguimos ouvir os fantasmas. A minha mulher diz-me para verificar se tenho as chaves antes de sair de casa. A minha filha lembra-me para não deixar queimar as torradas. O meu filho pede-me para pegar no ancinho e juntar as folhas, para que possa saltar para cima delas. E todos me cantam os parabéns.

O aniversário de Victor tinha sido duas semanas antes e aquilo que eu imaginara — ele sentado no escuro, de olhos fechados a ouvir os ecos dos aniversários anteriores — tornou-se o início do seu livro de memórias.

— Não tem medo de fantasmas?

Do outro lado da linha, a estática produzia um som sibilante pelo silêncio.

— Não temos medo daquilo em que acreditamos — respondeu ele.

Também incluí esta reflexão no livro, apesar de, na altura, não ter percebido o seu significado.

Agora, percebia. O meu corpo retraía-se enquanto soluçava sem vergonha e sem medo. O meu irmão observava-me com curiosidade enquanto eu chorava por ele e por mim, por todos os anos que poderíamos ter passado juntos e não o fizéramos, por todas as palavras nunca trocadas entre a minha mãe, o meu pai e eu. Acima de tudo, chorava pelas raparigas que tinham desaparecido e que nunca mais regressaram, incluindo eu própria.

Quando, alguns meses depois, as memórias de Victor foram publicadas, o livro vendeu bem. A crítica foi generosa. O meu nome não constava em lado nenhum, mas a minha pequena reputação cresceu um pouco mais entre aqueles que trabalhavam na sombra do meio editorial. A minha agente telefonou-me para me apresentar a proposta de outra autobiografia, com condições ainda mais lucrativas: a história de um soldado que perdera os

braços e as pernas ao tentar desativar uma bomba. Recusei o trabalho. Estava a escrever um livro de minha própria autoria.

— Histórias de fantasmas? — O tom foi de aprovação. — Consigo vender isso. As pessoas adoram ficar assustadas.

Não lhe contei que não tinha qualquer desejo de atemorizar os vivos. Nem todos os fantasmas eram movidos por vingança e pelo terror. Os meus fantasmas eram calmos e tímidos como o meu irmão ou tristes como as assombrações das histórias da minha mãe. Foi ela, a perita em fantasmas, quem me disse que o meu irmão não iria regressar. Tinha desaparecido quando eu me virei para pegar numa caixa de lenços de papel, restando apenas uma pequena cova, fria ao toque, no sítio onde ele se sentara no sofá. Subi as escadas para a acordar e, depois de ter posto a chaleira ao lume, ela sentou-se comigo à mesa da cozinha para ouvir os pormenores da visita do filho. Tinha chorado por ele durante anos, mas, agora, não chorava.

— Sabes que ele partiu para sempre, não sabes? Veio cá e disse tudo o que queria dizer.

A chaleira assobiou e soltou vapor por uma das suas narinas.

— Mas eu não disse tudo o que queria dizer, mãe.

E a minha mãe, que não tinha tirado os olhos de mim no convés do barco, desviou o olhar. Por mais histórias de fantasmas que soubesse, havia uma que ela não queria contar, um tipo de companhia que não queria ter. Estavam na cozinha connosco, os fantasmas dos refugiados e os fantasmas dos piratas, o fantasma do barco que nos vigiava com aqueles olhos nunca cerrados e até mesmo o fantasma da rapariga que eu fora outrora, os únicos fantasmas temidos pela minha mãe.

— Conta-me uma história, mãe — pedi eu. — Estou a ouvir.

Sem grande esforço, lembrou-se de uma, tal como eu previra.

— Havia, em tempos — começou ela —, uma mulher profundamente apaixonada pelo seu marido, um soldado que desapareceu

numa missão atrás das linhas do inimigo. O marido foi dado como morto, mas ela recusou-se a acreditar. A guerra acabou e ela fugiu para um novo país, acabando por voltar a casar décadas mais tarde. E foi feliz, até ao dia em que o primeiro marido regressou dos mortos, depois de ter sido libertado do campo onde sofreu um cativeiro secreto durante quase trinta anos.

Como prova da veracidade do relato, a minha mãe mostrou um recorte de jornal com a fotografia da mulher e do seu primeiro marido, reencontrados no aeroporto alguns anos antes. Não olhavam diretamente um para o outro. Pareciam retraídos, incomodados e perdidos, rodeados de amigos e repórteres que não conseguiam ver os dois fantasmas também presentes no melancólico reencontro, as sombras esbatidas de quem eles tinham sido no passado.

— Histórias deste tipo estão sempre a acontecer — disse a minha mãe, servindo-me uma chávena de chá verde.

Esta espécie de sessão espírita passaria a ser o nosso novo ritual noturno, o ritual de uma velha senhora e de uma mulher a envelhecer.

— Porque é que apontas tudo o que te conto?

— Alguém tem de o fazer — respondi, com o bloco de notas no colo e a caneta pronta a escrever.

— Escritores.

Abanou a cabeça, embora me parecesse estar agradada.

— Pelo menos, não te vais simplesmente pôr a inventar, como de costume.

Por vezes, é assim que as histórias me chegam, através dela. «Deixa-me contar-te uma história», diz ela, uma, duas ou, talvez, três vezes. Na maior parte dos casos, porém, vou em busca dos fantasmas, algo que consigo fazer sem sair de casa. Da mesma forma como eles assombram o nosso mundo, também nós assombramos o deles. São criaturas pálidas que nos temem mais a nós



do que o oposto. É essa a explicação para o porquê de vermos esses espectros tão poucas vezes e de termos de os procurar. Os talismãs na minha secretária, uns calções e uma *t-shirt* esfarapados, limpos e secos, bem engomados, recordam-me que a minha mãe estava certa. As histórias são apenas invenções nossas, nada mais. Procuramo-las num mundo além do nosso, deixando-as depois aqui para serem encontradas, como roupas largadas por fantasmas.

«Estes invasores tinham vindo conquistar a nossa terra e, agora, nunca mais regressariam a casa. Ao ouvir aquelas mulheres de olhos negros, estremecia de prazer no escuro, e parecia-me que nunca iria conseguir contar histórias como aquelas.»

Um refugiado vietnamita que sofre um violento choque cultural ao ver-se a viver com um casal homossexual em São Francisco, uma mulher cujo marido demente a confunde com uma antiga amante, uma rapariga da Cidade de Ho Chi Minh que reencontra a irmã recém-chegada dos Estados Unidos, a quem, ao contrário de si, tudo correu bem — todos eles são ecos de um mundo em que as fronteiras, aparentemente ténues, são muros difíceis de ultrapassar. Neste volume de contos, escrito ao longo de vinte anos, Viet Thanh Nguyen, vencedor do prémio Pulitzer, dá voz àqueles que, por fuga ou sonho, vivem entre dois mundos: o local onde nasceram e o país onde se encontram. Oportuno, direto e de uma rara sensibilidade, *Refugiados* é uma exploração preciosa das questões em redor da identidade, do amor e da família.

«As histórias destes refugiados vietnamitas enfeitiçam-nos durante muito tempo.»

*The New York Times Book Review*

«*Refugiados* é tão perfeito na escrita como no momento em que aparece.»

*The Washington Post*

«*Refugiados* é um antídoto poderoso contra todas as mentiras e culto do medo que têm colhido o mundo nos últimos tempos.»

*The Independent*

<b>ELSINORE</b> entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-33-8  9 789898 864338 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	